

DO LAZER AO ESPETÁCULO: A ETNOGRAFIA DO FEST VERÃO DE SÃO PEDRO DA ALDEIA

Recebido em: 31/01/2018

Aceito em: 27/11/2018

*André de Brito Oliveira*¹

*Renata Osborne*²

*Rachel Saraiva Belmont*³

Universidade Salgado de Oliveira
Rio de Janeiro – RJ – Brasil

*Dinah Vasconcellos Terra*⁴

Universidade Federal Fluminense
Niterói – RJ – Brasil

RESUMO: O Fest Verão é uma manifestação cultural e esportiva que ocorre em São Pedro da Aldeia, no Estado do Rio de Janeiro-Brasil, desde 1969. É objetivo deste estudo, compreender seu processo histórico e, sobretudo, os sentidos e significados atribuídos ao evento pelos sujeitos locais. A pesquisa foi estruturada a partir da metodologia qualitativa orientada pelos princípios da etnografia. Os instrumentos utilizados foram entrevistas semiestruturadas e de grupo focal, análise de documentos e

¹ Professor das séries iniciais com formação em nível médio. Professor Graduado em Educação Física pela Universidade Salgado de Oliveira. Professor Pós-Graduado *latu sensu* em Treinamento Desportivo pela Universidade Salgado de Oliveira. Professor Pós-Graduado *latu sensu* em Educação Especial pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Ciências da Atividade Física pela Universidade Salgado de Oliveira, com pesquisa na área sociocultural, com foco em atividades esportivas culturais e de lazer.

² Possui graduação em Licenciatura em Educação Física pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Mestrado em Educação pela PUC/Rio e Doutorado em Educational Leadership – Florida Atlantic University. Atualmente é professora Titular do Mestrado em Ciências da Atividade Física da Universidade Salgado de Oliveira.

³ Possui Licenciatura em Educação Física pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Especialização em Biomecânica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestrado e Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde pela Fiocruz. Atualmente é colaboradora no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Biociências e Saúde da Fiocruz, e participa do Programa de Pós-Doutorado da Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Atividade Física da Universo.

⁴ Doutorado em Ciências da Educação - Universidade de Barcelona- Espanha (2004). Mestrado em Educação Física pela Universidade Gama Filho (1996); Graduação em Educação Física pela Universidade Castelo Branco (1984). Professora Associada IV da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (Departamento SSE) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Tem experiência na área Formação Profissional, atuando principalmente nos seguintes temas: educação física escolar, formação profissional, planejamento e currículo. Coordenadora de Gestão de Processos Educacionais do Pibid/UFF 2013-2018. Editora da Revista Movimento - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense 2018. Coordenadora de Área do PIBID/UFF 2011-2013. Vice-presidente Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte gestão 2007-2009.

observação participante. A pesquisa foi realizada durante 12 meses (10/2015-10/2016), como pré-requisito para a defesa de conclusão do curso de mestrado em ciências da atividade física. Foram entrevistados 16 homens envolvidos diretamente com o futebol de praia, com idade entre 40 e 100 anos, sendo três sementes e 13 indicados pelo método bola de neve. Os dados encontrados foram interpretados a partir da triangulação dos diferentes instrumentos utilizados. Desta feita, foi possível concluir que a ocupação da Praia do Centro pelos jovens ao final da década de 1960 tinha como propósito apenas a prática do lazer. Mas, com a criação da praça de esportes no local e a realização da primeira competição oficial em 21 de dezembro de 1969, o Fest Verão começou sua história. À medida que crescia, o Fest Verão alcançava, naturalmente, o status de espetáculo. O que se percebeu decorrente deste processo foi a ruptura na identidade cultural do evento e daqueles que marcaram sua trajetória de vida sobre as areias da cidade.

PALAVRAS CHAVE: Modernidade. Atividades de Lazer. Esportivização.

FROM LEISURE TO SPECTACLE: THE ETHNOGRAPHY OF FEST VERÃO OF SÃO PEDRO DA ALDEIA

ABSTRACT: The Fest Verão is a cultural and sporting event that takes place in São Pedro da Aldeia, in the State of Rio de Janeiro-Brazil, since 1969. The objective of this study is to understand its historical process and, above all, the meanings and meanings attributed to the event by the local subjects. The research was structured from the qualitative methodology guided by the principles of ethnography. The instruments used were semi-structured and focus group interviews, document analysis and participant observation. The research was carried out during 12 months (10 / 2015-10 / 2016), as a prerequisite for the defense of the conclusion of the master's degree in physical activity sciences. Sixteen men directly involved with beach soccer, aged between 40 and 100 years, were interviewed, being 3 seeds and 13 indicated by the snowball method. The data were interpreted from the triangulation of the different instruments used. This time, it was possible to conclude that the occupation of Praia do Centro by the young at the end of the 1960s had as purpose only the practice of leisure. But with the creation of the local sports square and the holding of the first official competition on December 21, 1969, the Fest Verão began its history. As it grew, the Fest Verão naturally reached the status of spectacle. What was perceived as a result of this process was the rupture in the cultural identity of the event and of those who marked their life trajectory on the sands of the city.

KEYWORDS: Modernity. Leisure Activities. Sportivization.

Introdução

É objetivo deste estudo, compreender o processo histórico e, sobretudo, os sentidos e significados atribuídos ao evento Fest Verão de São Pedro da Aldeia⁵ pelos sujeitos da comunidade local ao longo de meio século de existência.

O Fest Verão é uma manifestação histórico-esportiva aldeense que teve início ao final da década de 1960, na Praia do Centro e, através dos tempos, passou por longas e significativas transformações. Seus passos históricos vão desde práticas despretensiosas no campo do lazer até o mais alto nível do esporte espetáculo, tendo como pano de fundo, atividades esportivas de praia, sobretudo o *Beach Soccer*⁶. O que era uma prática local virou uma competição de alto nível, com a participação de atletas estrangeiros, por exemplo, da Seleção do Japão e de Portugal. Atualmente, o Fest Verão é considerado um dos maiores eventos públicos de esportes de praia do Estado do Rio de Janeiro.

Para compreender melhor as marcas históricas deste evento, optou-se por seguir as pegadas na areia⁷ da Praia do Centro, ou seja, as marcas etnográficas deixadas ao longo de décadas na cultura local e que marcaram e ainda marcam profundamente a sociedade aldeense em torno deste evento de praia.

Ao observar as pegadas na areia de uma praia, entende-se que cada marca deixada ali não é um grafismo qualquer. Cada pessoa que por ali passou levou consigo

⁵ São Pedro da Aldeia: cidade situada na Região dos Lagos, interior do Estado do Rio de Janeiro. Mistura-se ao Patrimônio Histórico Nacional devido a vários fatores, dentre eles à sua remota fundação, ainda em 1617, separando-se do município de Cabo Frio, cidade vizinha (PMSPA, 2018).

⁶ Beach Soccer: esporte regulamentado em 1994, apropriando-se do tradicional futebol de praia iniciado nas práticas de lazer das chamadas peladas de praia, golzinho de praia, racha de praia, entre outros nomes (BARBOSA, 1998). Não é a única modalidade esportiva que ocorre no Fest Verão atual. Porém, sua exclusividade neste estudo deve-se ao fato de que é ele, o esporte que fez com que os aldeenses se organizassem em torno deste evento e o perpetuasse ao longo de décadas.

⁷ Pegadas na Areia: expressão foi empregada neste estudo como sendo as marcas históricas deixadas pelas pessoas nas areias da cidade de São Pedro da Aldeia, por meio das práticas esportivas praticadas na Praia do Centro, desde 1969. A descrição etnográfica destas pegadas organizou a arte deste estudo.

recordações, mas também deixaram intenções, desejos, sonhos, sentimentos, expectativas de uma vida que é única e ao mesmo tempo plural. Única porque cada marca é pessoal e intransferível, ainda que não seja possível descobrir suas digitais em tempo e espaço. Plural porque está em um contexto sociocultural, onde outras pessoas deixam marcas parecidas, muitas vezes, caminhando ora na mesma direção, ora em sentidos opostos.

Desse modo, fez-se necessário entender estas marcas culturais – grafismos – como produção histórica deste grupo social – etnia, que vem revelar a partir de suas manifestações corporais inseridas no Fest Verão, “normas, rituais e rotinas cotidianos em profundidade” (YIN, 2016, p. 15), constituindo um verdadeiro etnografismo local.

Ao escolherem as práticas de sua preferência – correr, caminhar, pedalar, surfar, remar, velejar, jogar (esportes com bola), nadar, etc. – os indivíduos também fazem escolhas dos ambientes disponíveis e mais adequados a estas práticas, evidenciando o que Bourdieu (2004) chamou de “efeito de apropriação” das realidades, o qual orienta “as práticas e as escolhas” desses sujeitos (p. 213).

A praia enquanto local de apropriação é um desses ambientes e tem merecido destaque na atualidade, sobretudo na área urbana, pois o contato com a natureza, com as pessoas, constitui um espaço contemplativo, poético e de múltiplas possibilidades de práticas corporais e de convívio social por meio de um estilo de vida ativo de seus frequentadores (OLIVEIRA; COSTA, 2010).

A interpretação da realidade varia de acordo com as características socioculturais de cada pessoa ou grupo social (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007). Atualmente, enquanto que para alguns, ocupar-se do tempo livre em uma atividade como a caminhada na areia da praia, por exemplo, pode ter uma relação

conceitual com a saúde ou bem-estar físico, para outros, pode ser apenas distração, momento de isolamento ou ainda, bem-estar psicológico (CAMARGO, 1992). Neste contexto, há um sentido heterogêneo sobre as práticas esportivas, ou seja, o esporte possui uma multiplicidade de valores, de sentidos e significados de acordo com a época, com o local em que se manifesta e com os grupos sociais que o praticam (STIGGER, 2002; MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007).

Para compreender a heterogeneidade do fenômeno esportivo é preciso que se entenda o significado das diversas manifestações esportivas para seus praticantes, seja individual ou coletivamente. E não há outra forma de estruturar esta compreensão, segundo Stigger (2002, p. 61) senão a partir de “um olhar de dentro” e para dentro destas manifestações, pontuando como os diferentes atores sociais delas se apropriam.

A compreensão de que os indivíduos interpretam de forma particular o mundo à sua volta e trocam experiências com seus pares, construindo e reconstruindo novos contextos que lhes aprazem, permite concluir que as manifestações esportivas são formadas no âmbito da cultura por uma trama que se articula com e entre os diferentes atores sociais, através da qual, maneiras de ser, pensar e agir são moldadas socialmente, sem que se perca o valor da identidade de cada sujeito nesse processo. Em outras palavras, segundo Stigger (2002):

As atividades esportivas oferecem referências para que os indivíduos organizem a sua vida social, sendo desenvolvido, nesse convívio, um processo de socialização dos participantes dos grupos, os quais - ao viverem coletivamente - passam a compartilhar maneiras de estar no mundo, que são expressas tanto dentro quanto fora do campo de jogo (p. 245).

À exemplo de Stigger⁸ (2002), Nori⁹ (2002) e muitos outros autores que se enveredaram por estudos etnográficos no campo do esporte de praia, foi preciso aproximar-se da cultura local, interagir com ela, observá-la e descrevê-la sob a ótica daqueles que pelas areias da cidade, deixaram e ainda deixam suas pegadas.

Enveredar por este caminho significa inicialmente, voltar no tempo e compreender que esportes como o *Beach Soccer*, o Futevôlei, o Frescobol, o Vôlei de Praia, entre outros, têm berços nas práticas descompromissadas de lazer e, que através dos tempos e de interesses diversos, sobretudo a partir das transformações nas identidades culturais (HALL, 2011), evoluíram para formatos mais próximos ao conceito de esporte (DIECKERT, 1984).

O sentido de lazer atribuído às pegadas na areia impressas num passado distante têm mudado drasticamente sua direção no sentido da esportivização¹⁰ devido ao efeito de apropriação que é contínuo e mutável, trilhando para um horizonte que tem estampado o consumo como princípio contemplativo. Este novo horizonte consumista é desenhado pelos próprios atores sociais, que em evolução e respeito às novas demandas sociais, alteram o curso da própria história, pois de acordo com Barbosa (2006), “todo e qualquer ato de consumo é essencialmente cultural” (p. 108).

⁸ Marco Stigger desenvolveu uma pesquisa etnográfica na Cidade do Porto – Portugal, tendo como referência de estudo os grupos Castelo, Caídos na Praia e Anônimos. Deste estudo, originou-se a obra *Esportes, lazer e estilos de vida*.

⁹ Celio Nori desenvolveu uma pesquisa etnográfica na cidade São Paulo – Brasil, tendo como referência de estudo, os peladeiros de areia da cidade de Santos, São Paulo. De seu estudo, originou-se a obra *Boleiros da areia: o esporte como expressão da cultura e cidadania*.

¹⁰ Esportivização: Para Rodrigues e Gonçalves Junior (2009, p. 988), esta expressão é usada para designar a “supervalorização da competição e do elemento espetacular-visual costumeiro no âmbito do esporte de rendimento, vinculado ao interesse da exibição de performance para outrem ou de busca estética compulsiva ao aspecto físico massificado e padronizado pelos meios de comunicação [...]”. Para Betti, o termo explicado sob a ótica elisiana acerca do processo civilizador designa “o esporte telespetáculo que integra a mais recente onda do processo civilizador que avança sobre o mundo. Pela televisão, chegam as imagens, antes que as transformações reais, a todos os recantos do planeta, alimentando o imaginário social de grandes massas” (1997, p. 201).

Dessa maneira, a grande trama que envolve este evento esportivo são os diferentes perfis que o mesmo adotou ao longo das últimas cinco décadas, sendo lazer e/ou esporte de lazer em dados momentos, esporte de competição e/ou esporte espetáculo em outros (DUMAZEDIER, 2014; BRACHT, 2005; DIECKERT, 1984).

Destarte, algumas questões emergiram das areias dessas praias e que através deste estudo, tentar-se-á respondê-las: como se deu o processo histórico do Fest Verão na comunidade aldeense através das inúmeras edições realizadas? Quais são os significados deste evento para os sujeitos da cultura local? Quais sentidos os sujeitos culturais empregaram ao Fest Verão no passado? Que rumos indicam a caminhada do evento na direção futura?

Metodologia

Para responder de forma científica às questões levantadas, este estudo seguiu parâmetros metodológicos coerentes de investigação. Desse modo, por consistir em uma análise de um fenômeno esportivo cultural, a pesquisa de caráter qualitativo foi orientada pelos princípios da etnografia (FLICK, 2009; ANGROSINO, 2009; ANDRÉ, 1995; GASKELL, 2002; SOUZA; ZIONE, 2003; GODOY, 1995a; SILVA; VELOZO; RODRIGUES JUNIOR, 2008; THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012), ou seja, alicerçada no *modus vivendi* de dado grupo social.

Os dados foram coletados a partir de três instrumentos: entrevistas semiestruturada e de grupo focal, análise de documentos e observação participante (BELEI *et al.*, 2008; GODOY, 1995b; MINAYO, 2001; MINAYO, 2005). Foram entrevistados 16 homens envolvidos diretamente com o futebol de praia, sendo três sementes – doravante denominadas de S1, S2 e S3 – escolhidas intencionalmente e, 10 indicados pelo método bola de neve (BIERNACKI; WALDORF, 1981) – doravante

denominados ES1, ES2, [...] e ES10. Os três últimos representaram o grupo de lazer denominado Deixa Amor – um grupo social que se reúne semanalmente há mais de 10 anos para a prática do futebol de praia como lazer. A este grupo, foi aplicada a entrevista de grupo focal (GF), sendo seus representantes GF1, GF2 e GF3 indicados pelo próprio grupo. Logicamente, dezenas de outros sujeitos locais foram ouvidos e colaboraram para a pesquisa, mas os 16 entrevistados deram conta da direção desta pesquisa. Durante 12 meses, a realidade local, incluindo o Fest Verão de 2016, foi observada, fotografada, filmada e narrada em diário de campo, constituindo um olhar de dentro do próprio ambiente pesquisado (GERHARDT; SILVEIRA, 2009; BELEI *et al*, 2008).

Um grande aliado na busca das informações referentes ao evento foi o banco de dados da Hemeroteca Digital, da Fundação Biblioteca Nacional, a partir de um grande acervo histórico digital de todo o país. O estudo se tornou confiável no momento em que os dados obtidos por cada instrumento puderam ser triangulados, possibilitando uma melhor interpretação dos fatos culturais (MARCONDES; BRISOLA, 2014; BARDIN, 1977; GOMES, 2015; PAIVA JUNIOR; LEÃO; MELLO, 2011; ANGROSINO, 2009).

Os dados foram organizados em tempo, espaço e sentidos. Dessa forma, quatro grades categorias foram criadas para melhor organizá-los, identificando o perfil esportivo em cada época e as características peculiares de cada período. Foram elas: antes de 1969: o jogo de lazer; de 1969 a 1981: o esporte de lazer; de 1982 a 1990: o esporte de competição; de 1991 a 2016: o esporte espetáculo. Cada um desses períodos foi interpretado sob a ótica de inúmeros atores sociais que fizeram parte desta trama histórica de praticamente meio século.

Para evitar exposição dos nomes dos prefeitos de cada período pesquisado, estes serão categorizados pelas siglas P1, P2 e assim por diante, quando evocados como sujeitos importantes em tempo e espaço, no período 1969-2016.

Resultados do Etnografismo de Cada Período

Antes de 1969: O Jogo de Lazer

Ao voltar em um tempo anterior às práticas culturais de esportes de praia na Aldeia de São Pedro, encontra-se o início, o apogeu e o declínio do Futebol de Campo da cidade entre as décadas de 1950-60, sendo esta a modalidade comumente praticada entre os aldeenses. Em meados da década de 1960, a equipe de futebol de campo São Pedro Atlético Clube – SPAC - entra em um processo de decadência, chegando a terminar com suas atividades comumente realizadas. Diante da nova realidade, a juventude aldeense precisava investir suas energias e criatividade em algo que lhes desse prazer.

As marcas de chuteiras no estádio Waldemar Tadio começaram a desaparecer com o tempo e com a decadência do próprio time SPAC. Uma nova prática de lazer começou a emergir entre os jovens e novas marcas foram deixadas em outro lugar: na Praia do Centro da cidade. Metaforicamente, estas pegadas foram impressas pelos pés descalços dos jovens peladeiros, que usavam a grande área livre existente no local para realizar seus rachas descompromissados, sob o refrigério das águas ainda azuis da Lagoa Araruama.

Para esta juventude, o lazer criativo na Praia do Centro tinha sua importância e seriedade. Para estes jovens, lazer era coisa séria. Esta nova realidade não era compreendida pelos mais velhos, ainda que também dividissem com esta juventude, a

prática do futebol de campo aos finais de semana. Os atletas mais velhos não acompanharam, na época, esta nova direção dada pelos pés dos mais jovens, seja pela seriedade da maturidade, ou exposição pessoal própria do ambiente praiano – corpo à mostra, de sunga ou apenas de *short*, descalço, etc.

Há relatos de que os jogadores mais experientes não embarcaram nesta onda jovem, como relata ES10 – ex-jogador do SPAC – no ápice de seus 100 anos de idade: “[...] Eu nunca gostei de jogo de praia, não. É muito machucado... É cacetada pra todo lado [risos]. E é um jogo pesado... praia. A pessoa tem que ser [pausa] nova mesmo pra poder aguentar a praia [...]”.

A violência no jogo e o alto condicionamento físico destacados nas falas deste ex-atleta centenário leva a dois aspectos distintos neste cenário: a) o campo de areia diminuto com oito atletas em cada equipe se tornava ainda menor. Logo, a possibilidade de pessoas se machucarem era maior; b) o jogo praticado na areia exigia maior condicionamento físico do praticante. Logo, os mais velhos não teriam o mesmo rendimento que no futebol de campo. A reunião destes aspectos leva a compreender o inevitável afastamento dos atletas de mais idade deste novo ambiente esportivo.

Decerto, o novo *habitus*¹¹ esportivo foi sendo costurado pela força jovem da cidade. Diferente do futebol de campo que dada às condições limitantes, era praticado quase sempre nos finais de semana, a liberdade promovida pelo espaço praiano permitia que a nova modalidade pudesse ser praticada todos os dias da semana, por muito mais gente. Para o ES3, a motivação pelo lazer esportivo na praia “começou em nossas tardes, batendo aquela pelada de areia, tomando banho na Lagoa [...]”. Vê-se que esta realidade prescreve aquilo que Bracht (2005) argumentou sobre o surgimento das

¹¹ Habitus: Proposta teórica (Teoria do Habitus) desenvolvida por Pierre Bourdieu (1983) que auxilia na compreensão de uma identidade social a partir de uma matriz cultural.

atividades esportivas de lazer, sendo estas, “formas que são imediatamente derivadas do esporte de rendimento ou espetáculo e que há ele muito se assemelham [...]” (p.17). Essa passagem do Futebol de Campo para o lazer das peladas de areia descompromissadas encontra fundamento também em Ramos e Isayama (2009), quando explicam que:

Isso ocorre porque mesmo que o esporte constitua um elemento da cultura que traz consigo muitas características que lhe são específicas, quando apropriado pelos atores sociais nas suas práticas localizadas e particulares, estes têm a liberdade de produzir novas formas de vivenciá-lo, o que resulta em manifestações bastante diversificadas (p. 380).

E foi exatamente isso que os atores sociais da época acabaram por fazer: criativa e voluntariamente, deram início a uma prática de lazer semelhante ao futebol de campo, mas em outro contexto, com outros sentidos e significados, a partir de novas formas de vivenciá-lo socialmente, sobretudo, de forma descompromissada. A realidade que sustenta a genuinidade desse esporte na cidade, nesta época, é o momento histórico em que o mesmo ocorre. Nesta época (antes de 1969), o esporte – futebol de praia – ainda não estava estruturado e midiaticizado no Estado ou país a ponto de interferir nos gostos dos cidadãos aldeienses. Logo, ao que tudo indica este esporte surgiu na cidade por conta da ocupação do espaço da Praia do Centro ainda não urbanizado, propício às peladas entre os amigos.

Esta nova realidade vivenciada pelos atores sociais atualiza e direciona as práticas corporais da cultura local no sentido do jogo lúdico, da existência de um *homo ludens* (HUIZINGA, 1996). Ao evidenciar o lúdico presente nas diversas formas de manifestação social, Dumazedier (2014) entende que o jogo extrapola o universo infantil e alcança:

[...] uma exigência da cultura popular, nascida do lazer. O jogo poderá determinar mudanças profundas na cultura tradicional quanto nas de

vanguarda e conferir uma poesia paralela à vida de todo o dia e um pouco de humor no compromisso social (p. 40).

Esta possibilidade de mudança no *habitus* cultural a partir do jogo, de projeção e apropriação de uma vida social mais poética e feliz, sugere que os atores culturais sejam autores de suas próprias passadas históricas na direção das transformações sociais que levem a novos estilos de vida. Ao dialogar com Bourdieu (1983) sobre estilos de vida produzidos pelo *habitus*, entende-se que novas manifestações sociais podem emergir de práticas culturais tradicionais por que:

[...] condições semelhantes produzem *habitus* substituíveis que engendram por sua vez, segundo sua lógica específica, práticas infinitamente diversas e imprevisíveis em seu detalhe singular, mas sempre encerradas nos limites inerentes às condições objetivas das quais elas são o produto e as quais elas estão objetivamente adaptadas (p. 83).

Partindo do princípio de que cultura é a manifestação da identidade de um povo, por meios simbólicos, abstratos e concretos, em constante atualização, o futebol é, para Daolio (2005), uma dessas manifestações, ou seja, “é parte da teia de significados que os humanos, em sua dinâmica social, vão construindo, constantemente atualizando e revivendo, teia essa que constitui a própria cultura de um povo” (p.6). Dessa maneira, se o futebol é cheio de símbolos e significados forjados pela própria sociedade, onde se expressam paixões, emoções, expectativas, desejos, intuições, sonhos e, onde se criam símbolos que o representam, como clubes, jogadores, bolas, estádios, produtos de marca, a própria torcida, então ele – o futebol – é realmente parte desta enorme teia construída diariamente pelos atores sociais (GEERTZ, 2011), que pode ser duradoura ou ainda ressignificada de acordo com o contexto em que se insere (STIGGER, 2002; MARQUES, 2012).

Deve-se lembrar de que este bate-bola que iniciou descompromissadamente por boleiros de areia na Praia do Centro estava carregado de semelhanças com o futebol praticado no campo Waldemar Tadio em outrora. Ainda assim, as marcas deixadas nas areias da cidade simbolizavam uma espécie de transgressão ao *habitus* instituído e marcavam os primeiros passos dados para uma criativa e importante caminhada cultural na direção do lazer, tendo como horizonte, ainda que não intencional, os esportes de praia.

No entanto, Dieckert (1984, p. 69) salienta que mesmo no campo do lazer, não há atividade esportiva em que o praticante objetive apenas o ócio ou o lúdico sem vislumbrar o resultado de sua ação. Para o autor, “o predomínio do motivo ou da alegria ou do desejo de companhia agradável, ao lado de objetivos compensadores, no esportista de lazer, não teria a consequência de eliminação total da ambição e da realização de performances [...]”. Como reafirmado por Pacheco e Stigger (2016), o lazer também é coisa séria.

Ao mergulhar em profundidade no cenário do Fest Verão, dialogando com os atores sociais, seguindo as pegadas deixadas por eles, chegou-se ao Grupo de Lazer Deixa Amor¹², instituído há mais de 10 anos, com seus encontros dominicais localizados na Praia do Boqueirão – zona sul de São Pedro da Aldeia.

Tendo a prática do futebol de praia como objetivo do encontro semanal, é possível entender como estão imbricados lazer e competição, tendo o lúdico, o prazer, o divertimento, como molas propulsoras para a realização pessoal e para estilos de vida

¹² Grupo de Lazer Deixa Amor: Este grupo foi amplamente descrito por Oliveira e Osborne (2018) em um estudo de caso intrínseco ao presente estudo. De acordo com seus integrantes, os maridos imploravam às suas esposas pelo direito do lazer futebolístico aos domingos. Repetindo a elas a expressão ‘deixa amor, deixa amor!’, o nome foi absorvido pelo grupo como sua alforria para o lazer dominical. O lazer compreende a prática do futebol de praia acrescido de bate-papo e aperitivos ao final do jogo, às margens da Praia do Boqueirão, em São Pedro da Aldeia-RJ.

ativo, ainda que em idade mais avançada, como é o caso deste grupo. Quando questionados sobre suas práticas aos domingos naquele local, valendo-se de entrevista de grupo focal, se ali havia uma manifestação de lazer ou de competição, ou ainda de ambos, a resposta de GF1 foi simples e ilustrativa: “Eu acho que é o lazer com a competição; a competição sempre vai existir. Se você jogar uma porrinha¹³ jogar bola de gude, tem competição”, mesmo considerando estas como atividades lúdicas próprias do lazer.

Naturalmente, as peladas descompromissadas através do esporte de lazer, mas com regras próprias derivadas do futebol de campo, passariam a estruturar o esporte de competição ou de rendimento, ou ainda, esporte espetáculo, já nos primeiros jogos de verão da cidade. A busca de resultados, da vitória, da melhora da aptidão física ou qualquer outro objetivo traçado a partir das práticas de lazer carregam consigo o ar da *performance* (DIECKERT, 1984; CAILLOIS, 1990), ainda que o jogo seja apenas uma partida de futebol entre amigos.

Neste sentido, a tentativa até este ponto foi de explicar que o futebol de praia de São Pedro da Aldeia tem suas raízes no futebol de campo da própria cidade e, que se firmou inicialmente, nas areias da Praia do Centro, por meio das práticas de lazer, ainda que houvesse conotação com as formas de jogo do futebol de campo. A principal causa dessa passagem – do gramado para a areia – está na apropriação de novos espaços e

¹³ Porrinha (ou purrinha): jogo de palpite, muito realizado no Brasil em bares, como forma de descontração e passatempo. Consiste em esconder em ambas as mãos, três objetos bem pequenos (bolinhas de papel, sementes, moedas, pedras, etc.). O jogador põe ambas as mãos atrás das costas, onde manipula a quantidade que quer jogar. A jogada é realizada apresentando apenas uma das mãos fechadas, podendo conter em seu interior zero (mão vazia), um, dois ou três objetos. Com base na quantidade de participantes e o limite das apostas (exemplo: as apostas para 4 pessoas limitam-se a um total de doze, considerando 3 objetos por pessoa), todos dão o seu palpite a partir de uma ordem pré-estabelecida. Após o palpite da última pessoa, todos abrem as mãos e faz-se a soma dos pontos. O jogador que ganhar marca ponto. O jogo se reinicia fazendo todo o procedimento.

práticas de lazer, uma vez que a prática cultural – o futebol de campo – não dava conta das necessidades de entretenimento, sobretudo dos jovens.

De 1969 a 1981: O Esporte de Lazer

As marcas da dimensão do lazer impressas nas areias da Praia do Centro pelos jovens aldeenses ganharam consistência e, mais uma vez, o *habitus* instituído estava por ganhar outra forma, outro sentido (BOURDIEU, 1983). Mesmo que P1 – prefeito da época – não tivesse a intenção de criar uma praça de esportes que pudesse servir de palco para a arte futebolística aldeense, naturalmente, a construção desta no local onde os boleiros da areia faziam seus rachas apenas organizou o *habitus* destes jovens, dando-lhes conforto para a prática e, conseqüentemente, para a prática competitiva. Para S2, aquele local era:

[...] onde nós brincávamos [...], mas o terreno era muito duro. Era difícil a gente não sair dali todo relado, todo machucado, porque quando caía, [...] machucava realmente. Quando o prefeito P1 preparou aquela área ali, com a praça de esportes, ele trouxe aquela areia das dunas de Cabo Frio [...] que servia de base para a arena da praça de esportes. Era uma delícia jogar ali, principalmente à noite. Então foi assim que começaram os Jogos de Verão de São Pedro da Aldeia.

Com o advento do campo de areia e das constantes peladas realizadas em seu interior, surgiu a necessidade das competições. A quadra de areia com seu tamanho bem menor que o campo Waldemar Tadio propiciava uma maior participação de equipes considerando que as partidas eram jogadas com menos jogadores na linha. Ao considerar que oito jogadores era a quantidade de atletas suficientes por equipe, o tamanho do campo era uma grande dificuldade a se driblar.

Para ES4, a quantidade de atletas em jogo era motivo para a ocorrência de muitas contusões graves. Segundo o mesmo: “[...] eram sete. Sete e sete, quatorze,

numa quadra deste tamanho [com ambos os goleiros seriam 16]. Quatorze se gladiando ali... bola dividida e... ‘farinha pouca, meu pirão primeiro’. ‘Nego’ chegava junto, chegava muito junto [...]”.

A similaridade do futebol de areia com o futebol de campo era muito grande, sobretudo no que se refere à forma de jogar em respeito às regras existentes. No entanto, a necessidade de controlar as partidas de forma ordeira necessitava de que alterações fossem feitas nas regras para que o jogo pudesse acontecer de forma mais consensual, até porque a prática do jogo se deu em outro contexto, sobretudo, em um espaço totalmente atípico ao de costume. O campo foi criado mais baixo que a rua principal da cidade, cercado por uma mureta de mais de 50 cm de altura na lateral paralela à rua de acesso ao centro e, ao nível do solo externo, na outra lateral, que dava acesso à orla da praia. As muretas de fundo ficavam distantes do gol, aproximadamente um metro. Esta configuração da quadra dava ao jogo uma dinâmica próxima ao atual *Showball*, fundado em 1969 – mesma época de início dos jogos de verão neste formato – mas, que pelo visto, não havia qualquer relação entre ambos.

Esta singularidade que normatizava o jogo da forma como os praticantes o conceberam e o aceitaram permitia que as partidas fossem tão atraentes quanto polêmicas. Entre os assuntos mais discutidos, destaca-se a não existência das linhas lateral e de fundo. O que havia ali eram as próprias muretas que auxiliavam o jogador nas laterais e marcavam a saída da bola ao fundo quando a mesma as tocavam.

As normatizações construídas pelos atores sociais dessa época são evidenciadas nas falas de alguns entrevistados. ES4, sobre este assunto, diz que “era uma mureta... [levanta a mão esquerda pra mostrar a altura] mais ou menos... devia ter quase um metro. ‘Nego’ dava ali e a bola não saía”. Na mesma intenção, ES3 conclui dizendo

que: “nessa época, a bola só saía se ultrapassasse a mureta. E pelas laterais, a gente fazia a tabela [...], jogava na parede, voltava e pegava na frente”.

Um destaque especial também foi observado quanto à questão das faltas. A colocação da barreira era permitida toda vez que houvesse faltas e, estas, na época, havia em abundância devido à quantidade excessiva de jogadores para um pequeno espaço de jogo, segundo observações de ES4. Elias e Dunning (1992, p. 40) concordam que “na maioria dos confrontos desportivos, as regras existem com a finalidade de manter essas práticas sob controle”. Neste contexto, a instituição de regras próprias para este jogo já desenhava ali, a existência de uma nova modalidade, ainda que tivesse uma matriz derivativa, no caso, do futebol de campo.

Esta realidade lúdica e inventiva nas areias da praia impõe à prática emergente um sentido de apropriação do novo jogo, em tempo e espaço distintos (BOURDIEU, 2004). De qualquer forma, a normatização do jogo ou o conjunto de suas regras – sejam novas, criadas em contexto, como o uso da ‘tabela’ na mureta ou, antigas, próprias do esporte, como o uso de barreiras nas faltas – precisavam orientar e controlar a sua prática.

Huizinga (1996) salienta que o jogo é tenso por natureza e esta característica potencializa a sua essência competitiva. No entanto, esta tensão é controlada por valores éticos, pois “quanto mais estiver presente o elemento competitivo, mais apaixonante se torna o jogo. [...] Porque, apesar de seu ardente desejo de ganhar, deve sempre obedecer às regras do jogo” (p. 14). Para Elias e Dunning (1992, p. 134), esta tensão natural do jogo envolve inclusive, espectadores. Para os autores “a sua tensão, a sua excitação crescente comunica-se, em contrapartida, aos jogadores, e assim por diante, até que a

tensão atinge um ponto em que apenas se pode suportar e conter, no limite, sem ficar incontrolada”.

Um ato de violência é descrito por ES8 em um jogo entre os rivais Laranja e Galo¹⁴, na década de 70. Depois que ES8 – que era jogador do Laranja – fez um gol para a sua equipe, um torcedor do Galo arremessou em sua direção uma pedra que acabou acertando-lhe os testículos. O ex-jogador lembra que a dor foi tanta que teve que parar o jogo. Porém, ao término da partida, o agressor se apresentou e lhe pediu desculpas, dado o nervosismo da competição, dentro e fora de campo. Na época, este tipo de violência era difícil de ser contido porque, da mesma forma que as torcidas invadiam o campo de jogo para comemorar com seus atletas representantes por falta de qualquer separação entre torcedor e jogador, também o faziam para os atos violentos.

A tensão e, conseqüentemente, a crescente excitação pode levar a atos que infrinjam comportamentos civilizados (ELIAS; DUNNING, 1992). A evolução das regras do jogo e do *habitus* social possibilitaram controlar as pulsões, tanto de jogadores como de torcedores, permitindo que a competição caminhasse para uma direção menos agressiva e mais prazerosa, tanto para o jogador como para o espectador.

Neste contexto, entende-se que o jogo, do mais lúdico ao mais competitivo, é regulado por normas equilibradas (CAILLOIS, 1990). Estas normas reguladoras – sejam as criadas pelo grupo ou as instituídas pelo esporte oficial, têm apenas a intenção de controlar, civilizadamente, as pulsões e emoções naturais do jogo. É como se dissesse: o *habitus* controla o *habitus*.

¹⁴ Laranja e Galo: Entre tantas equipes de bairro que existiam no início dos Jogos de Verão de São Pedro da Aldeia, a maior rivalidade ocorria nos confrontos entre as equipes Laranja e Galo, como descrevem unanimemente, todos os entrevistados. Enquanto a primeira equipe representava o centro da cidade, a segunda representava o bairro vizinho, Estação. Enquanto a primeira equipe representava o centro da cidade, a segunda representava o bairro vizinho, Estação.

No momento em que se percebe a evolução do esporte de lazer para o esporte de competição nos jogos de verão, transitando de uma fase para outra, num processo de evolução, entende-se que a criação e recriação das regras fez-se necessário para organizar este novo estilo de vida e estruturar um novo *habitus* esportivo em torno dos jogos de praia.

De 1982 a 1990: O Esporte de Competição

Muitas polêmicas envolvem este período esportivo na cultura local. A primeira delas diz respeito ao reinício dos jogos. A retomada dos jogos em 1982, depois de alguns anos sem evidências de sua realização (1977-1981), trouxe um ar diferente para o evento. Independente de ter sido realizado pela iniciativa privada em 1982 ou apropriado pela prefeitura local em 1983, a estrutura montada para a realização desses jogos, o pensamento burocratizado, a organização desportiva, entre outros aspectos, elevaram as práticas, até então com essência de lazer, ao nível do esporte competitivo.

O futebol de praia já não era mais a única modalidade nos Jogos de Verão nesta década. Com a inclusão do Futebol de Campo, Futsal, Voleibol, travessia à nado, na Lagoa Araruama, Corrida Rústica, Regata, Futevôlei, Esportes Náuticos, animados a *shows* musicais e bailes carnavalescos, o espetáculo foi garantido: notoriamente, houve um aumento no número de atletas e espectadores no evento. O esporte já não era mais derivado do lazer pelo lazer, mas da competição pela competição, onde vencer se tornou o objetivo mais relevante. É neste período que se percebe inúmeros atletas e clubes de outros locais participando no evento, principalmente através dos esportes aquáticos.

Ainda nesse início, mesmo que amiúde, era possível perceber no evento, uma participação social voluntária, com equipes representando seus bairros, sendo os

componentes oriundos, quase que em sua totalidade, da própria cidade. Os atores culturais desse momento viviam um grande desafio social: uma ruptura na tradição por conta de uma nova apropriação da cultura local, ou seja, a iniciativa privada – incluindo a Liga de Desportos local – e o poder público passariam a gerenciar seus interesses competitivos, apropriando-se daquilo que até então emanava da própria cultura.

Giddens (1991) diz que “nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações” (p. 38). No entanto, o mesmo autor concorda que a tradição, em diálogo constante com a modernidade, não é permanentemente estática, eternamente intocável, devido à exposição às nuances do tempo. Nesta certeza, ainda que os sujeitos culturais carreguem consigo muito do que têm, como por exemplo, as tradições, estas são reinventadas pelos próprios atores sociais que, passo a passo, também vão mudando sua relação com o meio e com o mundo, formulando novas identidades (HALL, 2011).

Uma segunda polêmica, como consequência da primeira, diz respeito à garantia da realização dos jogos. O poder público, enquanto entidade paralela ao mundo social, não pode garantir que a manifestação esportiva local – ou qualquer outra manifestação popular – seja perpetuamente executada. Fatores políticos-administrativos como escassez econômica, problemas de infraestrutura, inabilidade para execução, transição de governos, impedimentos legais, entre outros, podem de alguma forma, impossibilitar a comunidade local de se reunir e exercer a sua manifestação cultural pela simples existência de um poder público incapacitado momentaneamente, ainda que empoderado pelos próprios sujeitos locais.

Estes aspectos, ao longo deste período, foram decisivos para o impedimento de algumas edições dos jogos, entre eles, problemas políticos e econômicos na gestão do

então prefeito da época – P2. Neste período, ao longo de seis anos de administração pública de P2, este prefeito passou por inúmeras crises, dentre as quais, divergências com o legislativo, o que levou a câmara de vereadores a cassá-lo (O FLUMINENSE, 1986).

No momento em que o poder público se apropriou da realização do evento em 1983, desempoderou os sujeitos locais de se articularem para organizar a competição que até então, era fruto de atos culturais advindos da teia de relacionamento local. Esta relação de ruptura entre poder público e comunidade colaborou ainda mais para a diluição da cultura esportiva em torno dos esportes de praia e, provocou ainda mais a “descentração dos indivíduos” e a crise em suas identidades, forjadas em torno dessa competição (HALL, 2011, p. 9).

Diante das crises e embates políticos contínuos que o prefeito P2 passou a enfrentar, percebe-se a não realização dos jogos por parte da prefeitura local nos anos de 1984, 1986 e 1988. Contudo, a sociedade que se organizou para reivindicar salários, melhorias na cidade, entre outros, também se organizou em torno de uma competição fora do alcance do poder público, em espaço diferente daquele comumente realizado na Praia do Centro. Informações levam a crer que esta competição organizada pelo povo ocorreria certamente, em 1984, em outro local, na cidade. Sujeitos culturais, membros de uma equipe denominada, na época, de Perebódromo, narram o ocorrido. Especificamente, ES7, criador do time Perebódromo, que posteriormente mudou de nome para Mantena, confirma que os Jogos de Verão, neste ano, foram realizados no bairro Porto da Aldeia, no campo de futebol da Associação, por pessoas da localidade, sem intervenção do poder público.

A disputa dos adultos foi no Campo da Associação. [...] Aonde têm aquelas casas ali era um campinho de futebol. As crianças até

disputaram o campeonato ali. [...] Nós [do Perebódromo] fomos campeões no campo e as crianças do bairro Posso Fundo [também do Perebódromo] foram campeãs ali [num campinho de areia].

Este registro leva a crer que naquele ano, por razões desconhecidas além daqueles problemas já mencionados a respeito do governo municipal, os amantes do esporte da cidade realizaram os jogos por conta própria, retomando o empoderamento cultural. No entanto, este evento se distanciou em parte dos jogos de areia, embora tenha ocorrido em ambiente bastante próximo ao da praia. Enquanto que os constantes desacordos políticos e a precariedade econômica foram a marca desta década, levando P2 a renunciar do cargo em 1988, os Jogos de Verão eram considerados uma estratégia municipal com perspectivas de melhoria econômica da cidade devido ao seu potencial turístico.

A relação entre economia e turismo foi uma preocupação constante dos governos seguintes, tendo iniciado de forma intensa no pleito do prefeito P3, em 1989 (O FLUMINENSE, 1987; 1989). Criar festivais esportivos ao final da década de 1980 e início da década seguinte foi um forte objetivo para tirar o município da crise, ao mesmo tempo em que divulgava suas potencialidades, sobretudo naturais. Maluf (2011) afirma que este potencial é a mais forte característica da Região dos Lagos e, conseqüentemente, das cidades que a compõe, dada a abundância de ambientes marítimos que possibilitam atividades, tanto no mar como na Lagoa Araruama. Para o autor, “nos municípios da região encontram-se praias, mares abrigados, lagoas, lagunas, montanhas, rios, cachoeiras, matas e encostas marítimas, todos excelentes locais para a prática de esportes nos três ambientes: náutico, aéreo e terrestre” (p. 15).

A inclusão de novas modalidades náuticas competitivas ao evento, sobretudo pela calma da Lagoa Araruama (TERRA; IMÊNES; PACHECO, 2011), elevou os tradicionais Jogos de Verão para a condição de festival, de festa. A popularização

desses espetáculos competitivos era a garantia de um cenário esportivo que contemplava as massas e, destas, faziam parte os turistas, agradados pelo entretenimento oferecido.

De 1991 a 2016: O Esporte Espetáculo

Esta última categoria é a mais longa entre todas as demais analisadas até aqui. São 24 anos consecutivos de um processo histórico farto de informações e detalhes que se alteraram com o passar dos anos devido às nuances impostas pelo tempo e espaço, pela mutabilidade cultural e pelas mudanças de ser e agir dos atores culturais ao longo das décadas até a modernidade. Bem diferente dos períodos anteriores, esta parte da história deve ser compreendida como ‘festa’, uma celebração coletiva de significados incomensuráveis.

Analogamente, na Grécia Antiga, os jogos eram vistos como grandes festas que promoviam a integração social e vivificavam a memória do povo local. Ao analisar o sentido que estas festas esportivas tinham para a memória dos gregos, Lessa (2005), historiador brasileiro, afirma que “além de se constituírem em uma festa e em espaço de integração social, os jogos eram um *locus* privilegiado para a construção de uma memória políade, pois o atleta vitorioso, ao se tornar um herói, se eternizava entre os seus *isoí*” (p. 327). Em outras palavras, os jogos eram festas que, ao serem realizadas na cultura local, produzia uma memória que era valorizada por todos – na *pólis*. O atleta campeão tornava-se um mito local, um modelo a ser seguido e, eternizava-se na memória deste povo, de onde saía e para onde voltava. Havia uma relação de pertença que os identificavam como iguais – *isoí* -, como pessoas que se reconheciam como partes de uma mesma teia.

Neste sentido, a grande festa esportiva encerra um sentido de apropriação pelos diferentes atores sociais, que além de celebrarem o grande festejo, também atuam como protagonistas da própria história entre seus semelhantes. Este sentido esportivo amoldou-se à prática dos jogos de verão de São Pedro da Aldeia, que com o passar dos anos, incorporou-se ao Fest Verão como prática local.

Nestes jogos, como festa que eram, apresentavam-se publicamente os heróis ou algozes de uma teia em que todos faziam parte, independente do lado que ficavam na quadra de jogo. Este cenário pode ser encontrado na fala de ES8, ao explicar um gol feito há quase 50 anos, mas que é memorável na história dos jogos de praia de São Pedro da Aldeia.

[...] o que ficou na história do time do Laranja foi esse gol [...]. Quando eu chego lá em São Pedro da Aldeia... tem um cara que toma conta do campo [refere-se a um senhor que toma conta do campo de futebol Waldemar Tadio], quando ele me vê, ele diz: “foi o único que deixou a marca aqui na praia. Esse fez o gol de bicicleta”. [...]. A gente tem essa lembrança boa; mas, aquela lembrança aonde as famílias iam... dava gosto de ver aquelas famílias. O pessoal xingava a gente, mas depois que acabava, estava todo mundo ali batendo um papo, conversando.

Em muitas entrevistas e conversas informais durante o período da pesquisa de campo deste trabalho, ao se comparar o formato dos Jogos de Verão e início do Fest Verão com os jogos atuais, ouve-se constantemente que ‘antes era melhor’, porque é possível entender que a festa era de todos, dos atletas, das famílias; havia ídolos locais em quem se pudesse espelhar e ovacioná-lo quando houvesse a vitória; as rixas sadias entre bairros atualizavam o discurso em torno do evento e produziam memória pela vivificação dos fatos.

Na contramão deste posicionamento, um pensamento investigativo é lançado: por que então, a grande festa atual não é melhor que a de antes, já que conta com um lastro cultural de décadas, uma grande estrutura e um belo espetáculo? Ao aplicar uma

entrevista de grupo focal ao Deixa Amor – grupo de lazer mencionado anteriormente – a resposta parece soar de forma simples da boca de três amigos inseridos socialmente na cultura do Fest Verão (GF1, GF2 e GF3):

(GF1) Fest Verão hoje [...] só vem gente de fora para jogar. Você não vê mais o povo do lugar jogando... Aquela família do lugar jogando, igual era. Em minha opinião [...] tivemos time aí que era igual a ver Seleção Brasileira em São Pedro da Aldeia. São jogadores que disputam até campeonato fora do país. (GF3) Jogadores da Seleção Brasileira mesmo. (GF2) [...] No meu ponto de vista, hoje, você não cresce mais um garoto do lugar porque se tapeia com essa turma que vem, mas só leva o dinheiro daqui e vai embora. Porque ninguém vem de graça aqui pra São Pedro da Aldeia. [...]. (GF3) Os próprios jogadores de Seleção Brasileira dizem que hoje, o melhor campeonato que eles disputam do Estado é o de São Pedro da Aldeia. (GF3) [...] Tem jogador que ganha 10 mil, 12 mil pra disputar um campeonato.

Neste momento, deve-se tomar posse de uma marcante frase de S1 – o primeiro entrevistado desta pesquisa: “o povo quer ver espetáculo”. Não é possível comparar os Jogos de Verão e, por conseguinte, o Fest Verão, com um espetáculo circense, por exemplo, ou como uma peça de teatro ou ainda, um show musical. Isto porque diferente destes últimos, o Fest Verão começou entre e por pessoas locais, um enredo construído na vida dos sujeitos culturais em que, eles próprios, são os atores e artistas, protagonistas da própria história.

Concordando com S1, realmente o povo parece desejar o grande espetáculo, mas isso é pouco ante a expectativa de querer fazer parte dele. O sujeito local não quer ser convidado para a própria festa, mas fazer parte dela. A distância entre ser espectador e ser parte deste enredo parece consolidar o sentido da expressão ‘antes era melhor’, em decorrência do que as pessoas escrevem, leem e, do sentido atribuído à sua própria história.

A explicação destes três atores sociais do grupo de lazer (GF1, GF2 e GF3) também integram outras características marcantes que dão sentido à esportivização e

espetacularização do Fest Verão. Ao destacarem que “não cresce mais um garoto do lugar” (GF2), eles tecem um discurso bastante comum na comunidade local de que a contratação de jogadores profissionais para promover o grande espetáculo impede que seja visto “o povo do lugar jogando” (GF1), ou seja, o jogador da cidade fica de fora de sua própria festa. Assim, perdem-se os sentidos de memória, igualdade e pertença destacados por Lessa (2005) a respeito destas festas.

A apropriação deste evento cultural pelo poder público municipal desde o início da década de 1980 parece ter sido o indicador mais marcante para a mudança de sentido nos jogos, estabelecendo novas pegadas e novos rumos. Como cada governo tem suas ideias e princípios próprios, este evento de praia foi se estruturando e, ao mesmo tempo, amoldando-se às diferentes ideologias. A apropriação política do evento, isto é, o controle do mesmo pelo poder público, diferente de outrora, foi um marco na transição do tipo de comunidade local existente em torno desta manifestação cultural.

Ao estabelecer uma relação de pertença entre indivíduos e suas respectivas comunidades, Bauman (2005) afirma existir dois tipos de arranjo social: as comunidades de vida e de destino. Ao interagir com as afirmativas do autor, presume-se que a comunidade aldeieense forjada em torno dos jogos de praia, deixou de ser de *vida*, para ser de *destino*. Enquanto na comunidade de vida, todos pensam em comum, agem em comum, vivem em unidade, a comunidade de destino é mantida pelas muitas e diferentes ideias e princípios, sobre os quais se destaca a aceitação à diversidade e ao policulturalismo. Exposta às diferentes ideias e ideais, a comunidade esportiva local passava paulatinamente por transições que imprimiam novas pegadas e novos rumos nas areias do centro da idade.

Dentre as novas direções e sentido dados ao evento, encontra-se a necessidade de lucro a partir do mesmo. Ao longo dos anos, os jogos de praia constituíram uma espécie de estímulo ao turismo e, conseqüentemente, ao aumento na arrecadação municipal. Persistindo neste objetivo, a economia local precisava atrair o turismo e, para tanto, a festa tinha que ser mais que uma celebração, devia ser um espetáculo.

Poder-se-ia dizer que este espetáculo tenha começado em 1992. Neste ano, quando os Jogos de Verão foram renomeados para Fest Verão, certamente a ideia não era, de início, recriar em processo evolutivo, um projeto que pudesse se tornar o maior evento esportivo de massa do interior do Estado do Rio de Janeiro como o é, celebrado nas areias da Praia do Centro, em São Pedro da Aldeia. No entanto, uma grande demanda social que impunha a oferta de mega e emergentes espetáculos festivos à população local, fez do Fest Verão uma festa à parte, a qual para existir, precisava de animadores externos, de artistas. O endeusamento destes é que iria garantir o sucesso do espetáculo, porém mudaria drasticamente a relação entre torcedores – membros da comunidade local e regional – e jogadores – representantes midiaticizados do futebol profissional.

É possível entender que, como em 1998, quando o poder público decidiu por um jogo de apresentação, estrelando no grande ‘palco’ do Fest Verão, artistas globais e atletas famosos, em 2016, o jogo amistoso internacional entre Brasil e Japão utilizou-se das areias da Praia do Centro para promover mais um ‘Fest’ no verão dos aldeenses. Em ambos os eventos, distantes 18 anos, o objetivo parece ser o mesmo: promover grandes espetáculos à população e aos turistas presentes. É como disse Dunning (1992) sobre a dinâmica do desporto moderno: “[...] a finalidade dos grupos do desporto, se

tem alguma, é dar prazer às pessoas. [...] a luta por recompensas de tipo financeiro ou de estatuto e a possibilidade de proporcionar excitação aos espectadores” (p. 304).

Este pensamento, ao longo dos anos, criou um novo hábito na forma de realizar o evento por parte dos organizadores, mas mudou o *habitus* dos sujeitos culturais no que se refere à participação no evento. Enquanto o esforço dos governos consistia em realizar eventos de massa para agradar a população, esta se distanciava cada vez mais das práticas culturais em função de sua mudança de lado no jogo: de praticante à expectante.

ES9, que foi atleta no início da história dos jogos de praia, ao ser questionado sobre a participação de atletas profissionais, atualmente, no evento, o mesmo conclui o seguinte:

Hoje é um campeonato profissional. Naquela época, nós jogávamos por jogar; se tivéssemos que pagar, a gente pagava; se tivéssemos que comprar a camisa a gente comprava. Hoje não: eles vêm aqui, ganham o dinheiro, acabou o jogo, vão embora. Às vezes nem participam da comemoração. Então, isso se tornou um campeonato de profissionais. Não tem mais sentido a rivalidade como tinha antes. A rivalidade antigamente era com jogadores puramente da Estação; genuinamente daqui. Outros eram do Porto; nós éramos do centro. Então existia a rivalidade de bairros.

A falta de sentido mencionada pelo entrevistado está no contexto das práticas culturais locais e reforça a crise emergente, nos tempos modernos, destes sujeitos. A perda de referência entre sujeitos e, conseqüentemente, sobre as práticas culturais por eles formuladas confere um desequilíbrio naquilo que era estável na realidade local. Este distanciamento induz a uma perda de sentidos acerca da manifestação cultural esportiva, traduzido pelo desprazer percebido em algumas falas, como a demonstrada por S2 – um apaixonado pela arte do futebol, mas que não concorda com os novos rumos tomados pelos jogos de praia.

De acordo com Hall (2011, p. 09), esta instabilidade causada nas identidades modernas se dá pela fragmentação nos sujeitos e por tudo que está à sua volta e que lhe diz respeito, um verdadeiro colapso social que causa fragmentação das certezas destes indivíduos. Para o autor:

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo.

ES2 transparece um ar de tristeza ao falar dos jogos de praia, de sua praia, do futebol que jogava e dos amigos que tinha e fazia com estes jogos. Parece não se tratar de um saudosismo daquela época que 'era melhor', mas de uma realidade que ele mesmo não faz mais parte. Isso parece não está vinculado aos seus cabelos brancos, ao peso da idade, mas à perda de uma ligação com a sua própria realidade, com a sua identidade social, de não pertença.

Bauman (2005, p. 17) deixa evidente que há uma ligação entre o sentimento de pertença e a formação da identidade. No entanto, segundo o autor:

[...] o pertencimento e a identidade não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o pertencimento como para a identidade.

Dessa maneira, a diluição do sentido de identidade social se dá, certamente, no momento em que os sujeitos começam a perder o significado de pertencimento à cultura local, são expostos a novas ideias, novos princípios e formatos na/da sua própria

cultura. Esta realidade denominada por Bauman (2005) de sociedade líquido-moderna¹⁵ expõe o indivíduo a “episódios fragilmente conectados” (p. 18-19), diante de um mundo cada vez mais compartimentalizado, apesar de globalizado.

Esta é a razão pela qual ES2, apesar de morar a no máximo a 500 metros do campo em que ocorre o futebol de praia, no alto de seus 86 anos, em frases soltas ele diz desconsolado: “[...] Depois que eu parei com a praia, eu nunca mais voltei lá. Comecei a ir no início. Depois que saí, eu comecei a ir ver. [...]. Aí eu passei a não ir mais. Nunca mais fui... [...] Eu não guardo lembrança nenhuma”. Esta evidente indiferença à sua própria realidade está no contexto mais amplo da relação entre pertença e identidade, pois “a ideia de identidade não vai ocorrer às pessoas enquanto o pertencimento continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia numa tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tocada” (BAUMAN, 2005, p. 17-18).

Muito dessa desilusão com a própria história que foi construída em um cenário entre a água salgada e as areias calcárias da cidade está atrelada à onda que o Fest Verão pegou e acabou fazendo manobras na direção do destino, da irrealidade, da falta de comunhão e contexto. Na verdade, a onda desse contexto de modernidade prefigura “sociedades de mudança constante, rápida e permanente” (HALL, 2011, p. 14); permanente até que outra onda venha, apague as pegadas na areia, e, outro caminhante, ainda que cheio dessa história pregressa coletiva, construa novas marcas e dê novos significados a este caminhar.

¹⁵ Sociedade líquido-moderna: chamada por Zygmunt Bauman (2005) de era líquido-moderna, o autor se reporta a uma sociedade formada pela volatilidade das identidades, frágeis e provisórias, até então forjadas sob padrões fixos, estáveis. No mesmo sentido, os sujeitos pós-modernos citados por Hall (2006) são frutos dessa era líquido-moderna (BAUMAN, 2005).

Esta onda que lavou as marcas deixadas nos primórdios dos jogos de verão possibilitou processos de mudança no caminhar da contemporaneidade, imprimiu novas marcas sociais e mostrou novas direções e possibilidades de modernizar a prática cultural. Faz sentido que não se está falando de uma mudança no plano das ideologias, de algo abstrato, mas no *modus vivendi*, na prática diária, no jeito de ser e agir dessas pessoas, na vida como ela é.

Essa vida, para ser vivida, precisa ser excitante. Retomando o discurso de Dunning (1992), o prazer dado às pessoas nos tempos modernos está condicionado ao consumo, do qual, não se exige a prática do lazer ou do esporte. Esta necessidade de satisfação pelo consumo elevou o lazer à condição de produto de mercado e conferiu ao esporte um lugar de destaque na preferência da população moderna, tanto como praticante como expectante. ES9, indicado dentre as entrevistas como o melhor jogador de futebol de praia de todos os tempos, ao narrar sua impressão sobre o profissionalismo existente atualmente no Fest Verão e no futebol mundial, afirma:

O Futebol, de um modo geral, se profissionalizou muito. Hoje, o profissionalismo vive mais o futebol de empresários. Os empresários investem no técnico e o técnico vai e convoca. Então, eu perdi a graça do futebol. O futebol de um modo geral está perdendo a graça por isso.

Ainda que deixe transparecer que esse novo perfil mercadológico tenha tomado conta do esporte e isso, em se tratando do Fest Verão como prática cultural seja nocivo, ES9 reconhece o impacto que a modernidade causou na cultura local e na vida das pessoas de forma irrevogável:

[...] mas, infelizmente é a evolução dos tempos. Você não pode parar no tempo. O tempo evolui, as mentes evoluem [...] o tempo é irreversível. E dentro do tempo, você observa que vai modificando as coisas [...] e você não pode querer retroceder: trazer para o campo de areia hoje, aquilo que nós começamos. Você tem que deixar evoluir; deixar o nosso tempo como relíquia; é um legado deixado no esporte.

No entanto, mesmo diante dessa trajetória unidirecional, o entrevistado que também teve passagem pelo futebol profissional, recomenda: “Eu achava que o campo de praia [...] devia voltar a ter mais o futebol domiciliar... de jogadores daqui [...]”. Esta recomendação vai de encontro à manutenção das características iniciais dos Jogos de Verão, onde o atleta amador do local e da região participava pelo lazer, sem se preocupar com resultados e cobranças que normalmente ocorre em âmbito profissional.

Eric Dunning (1992), ao desenvolver um pensamento a respeito do significado social do desporto nos tempos atuais, reconhece que os valores do desporto profissional têm sobrepujado aqueles do desporto amador pela seriedade e competitividade com que ocorre a dinâmica do jogo, dentro e fora de campo. Em seus estudos, o autor relata que a Grã-Bretanha, ao tentar manter os valores de lazer sobre a prática cultural do *Rugby*, praticados pelo amadorismo, de maneira voluntária, sem remuneração, em que as regras se destinassem a “garantir o prazer dos jogadores muito mais do que o dos espectadores” (p. 300), fracassou apesar do tamanho esforço. Essa apropriação evolutiva incontida faz entender que o desporto é, com todas as suas características modernas, segundo Dunning (1992), “um processo social inevitável” (p. 300).

Neste sentido, mais que um conformismo, é preciso se associar às afirmações de ES9 para entender que a irreversibilidade temporal define o passo da modernidade na direção futura, sem chances de retrocesso. Dessa maneira, resta adequar-se à evolução dos tempos, permitindo de alguma forma que a comunidade local perpetue a sua cultura sem fechar os olhos para os passos largos da modernidade.

Apesar de não ser possível retroceder no tempo e no espaço para salvaguardar as práticas culturais como elas eram no passado, muitos atores sociais entrevistados ao longo desta pesquisa se reportam a um tempo que dava gosto de ir aos jogos para torcer

por sua equipe, conversar com seus pares, atribuir gozações ao adversário, em um ambiente massivamente familiar. Ao contrário, atualmente, muitos destes que iniciaram as primeiras pegadas nas areias da cidade por meio dos esportes de praia não se sentem mais motivados a acompanharem os jogos por vários motivos. Dentre estes, podem-se relatar o profissionalismo da competição, a falta de identidade pareada com os atletas que compõem as equipes e, sem menor valor, o ambiente hostil criado pelo nível de competitividade que o evento alcançou.

Esse motivo derradeiro, traduzido em violência e agressividade, tem tomado uma boa parte do tempo da organização do Fest Verão para oferecer um mínimo de conforto e segurança para a grande maioria dos torcedores. Ao observar neste ano dezenas de partidas de *Beach Soccer* no Fest Verão, foi possível perceber alguns alertas que foram dados em determinados jogos por conta de atos violentos que poderiam ocorrer de forma organizada. Na prática, poucas foram as ocorrências, mas quase sempre associadas a grupos jovens afins. Ainda que não se trate especificamente de violência advinda de grupos e torcidas organizadas, estas atitudes em grupo deixam em estado de alerta toda a organização bem como as equipes envolvidas.

Considerações Finais: Uma Análise de Meio Século

Seguindo as pegadas etnográficas ao longo de 47 anos através de uma caminhada empírica junto àqueles que construíram a trajetória dos jogos de praia de São Pedro da Aldeia, compreende-se que as marcas culturais continuarão ao longo da história futura, tomando novos rumos e identidades. Por esta razão, entende-se que análise cultural realizada em torno da história deste evento, celebrado em tempo e espaço específicos – 1969 a 2016, na Praia do Centro da cidade -, não tem um ponto

final e, portanto, novos estudos serão necessários frente a uma nova caminhada que se forma a partir de então, dada a constante mutabilidade dos atos culturais.

E o que se encontrou durante a caminhada até aqui? Rupturas. Esta é a expressão que sintetiza os achados deste estudo após análise histórica e cultural dos jogos de praia de São Pedro da Aldeia, ao longo deste período estabelecido. Ruptura social; ruptura da cultura; ruptura de identidades. Rupturas.

Os jogos de praia de São Pedro da Aldeia não surgiram apenas por necessidade de lazer, mas pela ruptura ocorrida na sociedade local em detrimento do fim das atividades futebolísticas organizadas no Campo dos Eucaliptos, ou Estádio Waldemar Tadio. A criação da Praça de Esportes Hermógenes Freire da Costa não tinha como objetivo fomentar a competição ora interrompida no principal campo de futebol da cidade.

Ao oferecer um espaço organizado para o lazer que vinha sendo desenvolvido em terreno arenoso e irregular às margens da Praia do Centro, foi possível levar para dentro de campo, não só o *homo competitivus*, mas a cultura competitiva advinda do futebol de campo. A apropriação da nova área de lazer esportivo – as areias da praia – deu-se por um encantamento à parte: sol, lagoa, areia, serra, juventude, turistas, sensualidade ainda que comedida dada à época, foram essenciais para a demarcação do novo espaço.

Este passo dado em favor de um constructo social baseado apenas no e para o lazer, possibilitou unir pessoas das diferentes partes da comunidade e, por se tratar de um ambiente coletivo, próspero para as sensações de liberdade e criatividade, esculpiu histórias e, decorrentes delas, lembranças memoráveis que construíram a grande teia cultural em que se dá este evento. No entanto, o *homo criativus* aldeieense não satisfez

sua necessidade lúdica apenas com as oportunidades de lazer realizadas em um cenário contemplativo, cravado nas areias da Praia do Centro. A necessidade de superar-se, de desafiar a si e ao outro, que também são características indelévels do lazer, levou as práticas lúdicas dos rachas de praia para jogos mais organizados, porque o homem que é lúdico em sua essência, exala competição de suas entranhas. Logo, mesmo nas práticas de lazer, é impossível separar do jogo lúdico qualquer coisa que remeta à competição, à disputa, à vontade de melhorar resultados, porque a brincadeira presente no jogo também é coisa séria.

Esta necessidade competitiva indelével ao ser humano marcou grandes processos de mudança no evento e na comunidade local. Uma pelada após outra, competição após competição, rachas repetidos várias vezes, construiu na cultura aldeense o *habitus* esportivo do futebol de praia. Este costume impactou decisivamente sobre as preferências desses sujeitos culturais quanto à apropriação da sua nova prática de lazer, criando possibilidades para o surgimento de novas práticas neste cenário de cartão postal. Dessa forma, permitiu-se que o vôlei, o futevôlei, a natação entre outras, pudessem ampliar o universo da competição e, incluir na mesma, não somente novos esportes, mas pessoas com outras preferências.

Ao longo dos anos, os diferentes governos demonstraram ter especial interesse sobre o evento devido sua capacidade de projeção turística e econômica. A exacerbação deste interesse ou objetivo impõe aos jogos não somente a condição de produto de mercado, mas um tipo de entretenimento capaz de satisfazer o turista e mantê-lo na cidade, favorecendo o comércio local. No momento em que o sujeito cultural – criador – passou a não ser mais importante que os jogos de praia – sua criatura – a produção e manifestação popular sofreram um esgotamento de sentidos. À medida que o Fest Verão

enquanto manifestação esportiva local foi se estruturando pelo viés do consumo e do lucro, sobretudo em decorrência da profissionalização dos atletas participantes, sua representação cultural para os atores sociais foi perdendo o sentido devido ao rompimento de relações entre criador e criatura.

O Fest Verão se tornou tão elitizado com a presença cada vez mais comum de jogadores profissionais de fora da cidade em equipes que outrora eram representadas pelos atletas amadores locais e regionais, que aqueles sujeitos da comunidade local que começaram a caminhar no evento por meio dos Jogos de Verão não se sentem motivados sequer a assistir o evento atual. Não há mais o dia seguinte, a conversa das ruas, dos bares, vivificando a cultura local através de uma identificação social.

Esta ilustração remete à última ruptura constatada no evento. Com a passagem dos Jogos de Verão para Fest Verão, o poder público assumiu, anualmente, o papel de promotor do evento, elevando-o a condição de espetáculo, com novas modalidades e estruturas faraônicas. No entanto, a maior ruptura causada neste contexto não se deu apenas no perfil do novo evento, mas nas identidades sociais que foram forjadas ao longo de décadas.

A promoção de um evento-espetáculo consolida a ideia de consumo, isto é, os sujeitos culturais que eram atores em sua própria festa, em sua maioria, tornam-se apenas espectadores, consumidores de uma produção cultural da qual não fazem mais parte. Ao utilizar a expressão ‘espectador’ não se está criando vínculo ao termo ‘torcedor’. Apesar de todo torcedor ser também um espectador, nem todo espectador é um torcedor. O Fest Verão alcançou o *status* de megaevento e, como espetáculo que é, tem atraído milhares de espectadores e, em menor proporção, torcedores. Isto porque a ruptura causada sobre as identidades culturais distanciou os sujeitos de suas práticas.

Certamente, o Fest Verão é o maior e mais antigo evento esportivo de natureza pública do interior do Estado do Rio de Janeiro em pleno funcionamento. No entanto, o município de São Pedro da Aldeia onde ocorre esta benesse esportivo-cultural não possui uma escolinha pública ou privada sequer de qualquer esporte de praia até 2016. Esta realidade é decorrente do distanciamento que o evento acabou tendo das práticas culturais locais. As peladas organizadas – grandes rachas que aconteciam diariamente no campo da Praia do Centro nas décadas iniciais da modalidade na cidade – não são mais vistas fora da temporada de competições, como parte do *habitus* local. Isto prefigura um esvaziamento cultural ainda que o evento tenha ganhado proporções exorbitantes tanto em estrutura como em modalidades e número de jogos quando da realização do projeto, no verão.

Depois de ter caminhado entre os sujeitos culturais durante quase um ano, este estudo sugere por fim, que o Fest Verão seja mantido na cultura local por meio do fomento às práticas esportivas de praia, aproximando-se mais do sujeito local, de seu cotidiano, vivificando a relação entre criador e criatura. Dessa forma, experimentá-lo, vivenciá-lo e manifestá-lo torna-se urgente, não somente por meio da oferta de práticas de lazer informal, ocorridas diariamente em contexto social, mas salvaguardá-lo como conhecimento escolar, desenvolvido como conteúdo, dinamizado como prática cultural em um currículo que valorize a identidade dos sujeitos, sua história e memória e, na medida do possível, insira os alunos neste mesmo contexto identitário através de práticas recorrentes e conscientes.

O incentivo às escolinhas, mantidas perpetuamente como forma de valorizar a identidade sociocultural da cidade no âmbito dos esportes de praia, tem merecido destaque quando da execução do Fest Verão a partir das diversas equipes que o compõe.

Este trabalho deve ser inserido nas escolas por meio de um currículo que contemple a realidade local, tendo nos esportes de praia, um caminho para criar a cultura do esporte sustentável em torno deste megaevento. Neste contexto, é preciso que o poder público municipal promova um desdobramento deste grandioso evento, promovendo não só escolinhas esportivas nas areias ou águas, mas que cative comportamentos sociais para prática de atividade física consciente, disseminando hábitos saudáveis para uma vida mais ativa.

Por fim, sugere-se que materiais impressos e audiovisuais, com teor educativo acerca da cultura dos jogos de praia e de seu cenário, possam chegar às escolas da cidade, levando aos alunos sensações de pertença à comunidade local devido ao reconhecimento da própria história, identificando-se com seus pares e valorizando aquilo que foi produzido pelos seus antepassados pátrios. É possível que nesta proposta, incluam-se condições nos currículos escolares para que os alunos tenham acesso a conhecimentos locais ainda inacessíveis, aprendendo novas modalidades de contexto.

A criação de um museu do esporte de praia é bastante sugestiva, pois além de valorizar os atores sociais responsáveis por estes primeiros cinquenta anos de pegadas na areia, permitirá no futuro, que novas gerações tenham acesso a este processo histórico e novas pesquisas possam ser lançadas neste horizonte, seguindo as novas marcas deixadas na cultura local na direção dos esportes de praia, impressas para e pelos sujeitos locais.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papyrus, 1995.
- ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARBOSA, L. **Cultura, consumo e identidade**: limpeza e poluição na sociedade brasileira contemporânea. In: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 107-135.

BARBOSA, M. O. S. **Beach Soccer**: da iniciação à competição. Rio de Janeiro: Ed. Sprint, 1998.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BELEI, R. A. *et al.* O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n.30, p.187 - 199 jan./jun. 2008.

BETTI, M. A **janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. Tese (Filosofia e História da Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

BIERNACKI, P.; WALDORF, D. Snowball sampling: problems and techniques of chain referral sampling. **Sociological Methods & Research**, v. 10, n. 2. p. 141-163, nov. 1981.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Monteiro Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **Sociologia**. Organização da coletânea por Renata Ortiz. São Paulo: Ática, 1983.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens**. Lisboa, Cotovia, 1990.

CAMARGO, L. O. L. **O que é lazer**. 3. ed. São Paulo: brasiliense, 1992.

DAOLIO, J. **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

DIECKERT, J. **Esporte de lazer**: tarefa e chance para todos. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DUNNING, E. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, N; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa, Difel, 1992.

FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: Bauer, M. W.; GASKELL, G. (Orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GERHARDT, T. E.; SILVIERIA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995a.

_____. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, maio/jun. 1995b.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados da pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 79-108.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LESSA, F. S. O esporte como memória e festa na Hélade. In: LESSA, F. S.; BUSTAMANE, R. M. C. **Memória e Festa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 327-334.

MALUF, E. M. *Conhecendo a Região dos Lagos: uma história de aventuras, sucessos e transformações*. In: MOTTA, Alexandre; TERRA, Rodrigo (Orgs.). *Esporte, lazer e políticas públicas na Região dos Lagos*. Rio de Janeiro: iVentura, 2011.

MARCONDES, N. A. V.; BRISOLA, E. M. A. Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. **Revista Univap**, São José dos Campos, v. 20, n. 35, jul. 2014.

MARQUES, R. F. R. Ressignificação do esporte em espaços de lazer: propostas de procedimentos pedagógicos com base em grupos de modalidades esportivas. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, v. 16, n. 165, fev. 2012.

MARQUES, R. F. R.; ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 225-242, set./dez. de 2007.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

_____. **Pesquisa Social:** Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NORI, C. **Boleiros da areia:** o esporte como expressão da cultura e cidadania. São Paulo: SESC, 2002.

O FLUMINENSE. Prefeito Dárcio Leão afastado pela 3ª vez. Niterói, 07 jan. 1986, p. 06. Disponível em: https://memoria.bn.br/docreader/100439_12/51012 . Acesso em: 20 dez. 2018.

_____. **São Pedro** tem metas para turismo náutico. Niterói, 03 ago. 1989, p. 7. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/100439_12/81282 . Acesso em: 20 dez. 2018.

_____. **São Pedro** vai promover os “IV Jogos de Verão”. Niterói, Estado do Rio de Janeiro. Região dos Lagos. São Pedro da Aldeia. Turismo. 03 Jan. 1987, p. 8. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/100439_12/60596 . Acesso em: 20 dez. 2018.

OLIVEIRA, L. P.; COSTA, V. L. M. Histórias e memórias de pioneiros do vôlei de praia na cidade do Rio de Janeiro. **R. de Educação Física/UEM**, Maringá, v. 21, n. 1, p. 99-113, 1. trim. 2010.

OLIVEIRA, A.B.; OSBORNE, R. “Deixa amor”: a cultura do futebol de praia na perspectiva de um grupo de lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v.21, n.3, set/2018.

PACHECO, A. C.; STIGGER, M. P. “É lazer, tudo bem, mas é sério”: notas sobre lazer a partir do cotidiano de uma equipe máster feminina de voleibol. **Movimento**, Porto Alegre, V. 22, n. 1, p. 129-142, jan./mar. 2016.

PAIVA JÚNIOR, F. G.; LEÃO, A. L. M. S.; MELLO, S. C. B. Validade e Confiabilidade na Pesquisa Qualitativa em Administração. **Revista de Ciências da Administração**, v. 13, n. 31, p. 190-209, set./dez. 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PEDRO DA ALDEIA – PMSPA. **História.** Disponível em: <https://www.pmspa.rj.gov.br/historia-municipio> . Acesso em: 23 dez. 2018.

RAMOS, R.; ISAYAMA, H. F. Lazer e esporte: olhar dos professores de disciplinas esportivas do curso de educação física. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.23, n.4, p.379-91, out./dez. 2009.

RODRIGUES, C.; GONÇALVES JUNIOR, L. Ecomotricidade: sinergia entre educação ambiental, motricidade humana e pedagogia dialógica. **Motriz**, Rio Claro, v.15 n.4 p.987-995, out./dez. 2009.

SILVA, C. L.; VELOZO, E. L.; RODRIGUES JUNIOR, J. C. Pesquisa qualitativa em Educação Física: possibilidades de construção de conhecimento a partir do referencial cultural. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 48, p. 37-60, dez. 2008.

SOUZA, D. V.; ZIONI, F. Novas perspectivas de análise em investigações sobre meio ambiente: a teoria das representações sociais e a técnica qualitativa da triangulação de dados. **Saúde e Sociedade**, v. 12, n. 2, p. 76-85, jul./dez. 2003.

STIGGER, M. P. **Esporte, lazer e estilos de vida**. Campinas: Autores Associados, 2002.

TERRA, R.; IMÊNES, B.; PACHECO, F. Esporte e Lazer e políticas públicas: uma visita à Região dos Lagos no norte do Estado do Rio de Janeiro. In: MOTTA, Alexandre; TERRA, Rodrigo (Orgs.). **Esporte, lazer e políticas públicas na Região dos Lagos**. Rio de Janeiro: iVentura, 2011.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos da Pesquisa em Atividade Física**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

YIN, R. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

Endereço dos Autores:

André de Brito Oliveira
Rodovia Amaral Peixoto, Km 104, casa 06, Praia Linda
São Pedro da Aldeia – RJ – 28.949-746
Endereço Eletrônico: profandre.ef@gmail.com

Renata Osborne
Universidade Salgado de Oliveira
Pró Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa
Programa de Pós Graduação em Ciências da Atividade Física.
Rua Marechal Deodoro 263 andar 3 – Centro
Niteroi – RJ – 24.030-060
Endereço Eletrônico: rerafadeo@gmail.com

Rachel Saraiva Belmont
Pavilhão Lauro Travassos, 2º andar
Av. Brasil, 4365, Manguinhos
Rio de Janeiro – RJ – 21.040-360
Endereço Eletrônico: rachelsbelmont@gmail.com

Dinah Vasconcellos Terra
Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação
Rua Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/n, São Domingos
Campus Gragoatá, Bloco D, Sala 434 - Centro
Niterói – RJ – 24.210-201
Endereço Eletrônico: dv.terra@terra.com.br